

A PERMANÊNCIA DOS “PSEUDOTEXTOS” EM CADERNOS ESCOLARES DE CRIANÇAS EM FASE DE ALFABETIZAÇÃO

VIEIRA, Fernanda Noguez¹; PERES, Eliane²

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia/UFPel – Bolsista PIBIC/CNPq e-mail:

fernandavieira1990@gmail.com ² Professora da Faculdade de Educação/UFPel - Departamento de ensino - Orientadora e-mail: etperes@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho insere-se no campo da História da Alfabetização e tem por objetivo analisar a recorrência e permanência dos “pseudotextos” presentes nos cadernos de crianças em fase de alfabetização. O levantamento dos dados compreende o período das décadas de 1940 a 2010. Em razão dessa longevidade do acervo é que usamos o termo permanência.

Foram utilizados como referencial teórico os estudos de: Gómez (2012); Amâncio (2002); Peres e Porto (2009); Soares (2004); Vinão (2008); entre outros.

MATERIAL E MÉTODOS

A coleta dos dados foi realizada no acervo de cadernos escolares de alunos em fase de alfabetização do Grupo de Pesquisa HISALES (História da Alfabetização, Leitura e Escrita dos Livros Escolares) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, coordenado pela Professora Doutora Eliane Peres. O acervo do grupo de pesquisa HISALES é composto por materiais diversos que possibilitam estudos sobre a cultura material escolar e processos de alfabetização, como, por exemplo: cadernos de alunos; livros didáticos; cartilhas escolares e livros para o ensino da leitura e da escrita; cartazes e planejamentos de aula manuscritos das professoras (Diários de Classe), entre outros.

O trabalho apresentado é parte inicial da pesquisa que desenvolvo como bolsista de iniciação científica e busca analisar a recorrência e permanência dos “pseudotextos” presentes em diversos cadernos que compõem o acervo do Grupo HISALES. Atualmente o acervo de cadernos de crianças em fase de alfabetização conta com 240 exemplares, que datam da década de 1930 aos anos de 2010.

Usamos o termo “pseudotextos” (também chamados textos “acartilhados”) porque são textos forjados (MEC/SEB-PRÓ-LETRAMENTO, 2008) desprovidos de contexto, usados principalmente com o objetivo de repetir as palavras e sílabas apreendidas em lições durante o processo de alfabetização.

Nosso objetivo com esse trabalho é mostrar como os textos presentes em um dos mais antigos cadernos do acervo (1949), como esse, por exemplo: “O vovô viu a Eva. Viva o Ivo. Viva a vovó.” (C1- 1949 – Acervo HISALES), se mantém até os dias atuais apesar de o campo de estudos da alfabetização ter avançado e inclusive criticado severamente o uso desse tipo de “texto” na alfabetização.

Para o desenvolvimento desta análise inicial foram utilizados oito cadernos de alunos em fase de alfabetização que correspondem ao período de 1940 a 2010, com o objetivo de representar as décadas do acervo.

De acordo com Vinão,

Os cadernos escolares podem ser considerados como uma das fontes mais idôneas para o estudo do ensino, aprendizagem e dos usos escolares da língua escrita e, ao mesmo tempo, da cultura escrita. (2008, P.17)

Os cadernos, como qualquer fonte de pesquisa também apresentam suas limitações, pois nem tudo que se passa em sala de aula é registrado, como explica Peres e Porto,

No trabalho com os cadernos, é importante ter-se em conta que, por um lado, revelam indícios de práticas, demonstram escolhas e opções teóricas e metodológicas das professoras, concepções de língua e ensino, mas, por outro, possuem limitações enquanto objeto-fonte de investigação, uma vez que, obviamente eles não dizem tudo do cotidiano de sala de aula[...] (2009, p.3)

Podemos perceber que o caderno escolar é uma fonte documental que fornece diversas informações sobre o cotidiano escolar e sobre o processo de ensino e de aprendizagem desenvolvido em sala de aula, mas também supõe alguns limites para análise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A alfabetização no Brasil a partir da década de 1980 passou por profundas transformações, influenciadas pelas pesquisas sobre aprendizagem da leitura e da escrita desenvolvidas especialmente por Ferreiro e Teberosky (1986). De acordo com esse estudo, o aprendizado do sistema de escrita não se reduz ao domínio da decodificação e codificação, mas é essencialmente um processo ativo, no qual o sujeito, a partir de seu contato com a escrita, constrói e reconstrói hipóteses sobre o funcionamento da língua escrita.

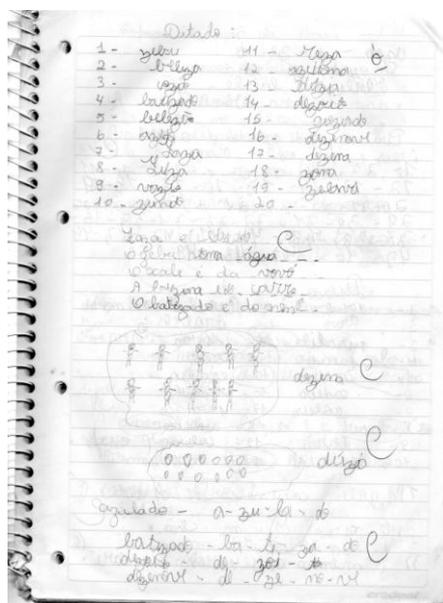
Os estudos de Soares (2004) apontam que em meados dos anos 1980, surgiu no Brasil, também, o termo letramento, fomentado pela necessidade de reconhecer e nomear as práticas sociais de leitura e escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e do escrever resultantes do processo de alfabetização.

Com base nestes estudos surgiram novas concepções sobre o processo de alfabetização, a qual seria realizada através da imersão do sujeito nas práticas sociais de leitura e escrita. Para que isso aconteça é necessário que ocorra interação do indivíduo com textos significativos, que possam proporcionar a reflexão sobre o sistema de escrita. Contudo, os cadernos que temos no acervo, do período pós anos de 1980, revelam que essa compreensão parece não ter chegado nas salas de aula.

A partir da análise que estamos realizando constata-se que os “pseudotextos” são recorrentes e contínuos ao longo do período e não apresentam coesão e coerência.

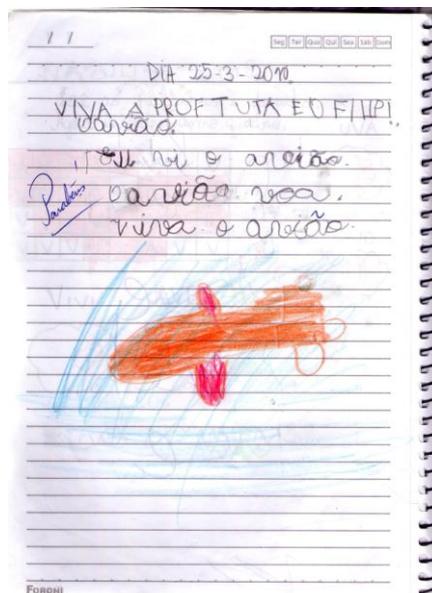
Para Amâncio (2002, p. 186) essa “linguagem falsa das cartilhas [...] invade o espaço da linguagem verdadeira, viva e dinâmica, que possibilita a interlocução, as interações pessoais e que é constitutiva das relações sociais e da construção do conhecimento”.

Embora os estudos referentes à alfabetização, a partir dos anos 80, apontem para um processo que considere o sujeito como um ser que constrói e reconstrói hipóteses sobre o funcionamento da língua escrita e está imerso nas práticas sociais de leitura e escrita, não é possível verificar esta prática em textos descontextualizados e sem sentido, como podemos visualizar nas imagens a seguir:



**Zazá é educada.
 O zebu toma água
 O xale é da vovó [...]**

**Fig. 1: C 3 – 2001
 Acervo HISALES**



**Eu vi o avião.
 O avião voa.
 Viva o avião.**

**Fig. 2: C33 – 2010
 Acervo HISALES**

Como podemos perceber, estes textos são totalmente desprovidos de significado e contextualização, não levam a criança a refletir sobre a escrita, ou seja, os textos não tem sentido algum no cotidiano das crianças e, nesse caso, o aprendiz não tem outra escolha senão identificar sílabas, identificando palavras (BARBOSA 1994, p. 53) o que não leva o indivíduo a refletir sobre o sistema de leitura e escrita.

CONCLUSÃO

A partir dos dados analisados até o momento, uma amostra de oito cadernos do total de 240 que compõe o acervo, é possível verificar que os textos encontrados nos cadernos, em sua maior parte, são "pseudotextos", os quais não tem nenhum sentido real e apenas repetem palavras e sílabas para o ensino da codificação e decodificação da língua escrita.

Embora a discussão conceitual e a produção acadêmica e didática tenha se ampliado e diversificado, especialmente após a década de 80, percebemos a permanência e uso de textos que não acompanham os avanços e discussões sobre o processo de alfabetização, revelando assim que a permanência de um método ou concepção está para além do material impresso e das discussões teóricas e se reflete na prática diária das classes de alfabetização.

A recorrência e permanência, nos cadernos escolares do acervo do grupo de pesquisa HISALES, dos chamados "pseudotextos", textos forjados com a repetição

de palavras e sílabas para que as crianças as memorizem e reproduzam, revelam indícios de uma prática de sala de aula que vai de encontro aos novos estudos do campo da alfabetização, especialmente aos da psicogênese da língua escrita (Ferreiro e Teberosky, 1996; Soares, 2004).

Os oito cadernos escolhidos são apenas uma amostra dessa realidade. Um tipo de texto que era “aceitável” entre os anos 40-70 se mantém entre os anos 80 e os dias atuais: isso é que revelam os cadernos escolhidos para amostra nesse trabalho.

REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, Lazara Nanci de Barros. Cartilhas para quê? Cuiabá: Ed. UFMT, 2002.

BARBOSA, José Juvêncio. Alfabetização e leitura. São Paulo: Cortez. 2 ed. 1994

CUNHA, Maria Tereza Santos. No tom e no tema: escritas ordinárias na perspectiva da cultura escolar (segunda metade do século XX). In: BENCOSTTA, Marcus Levy (org.). Culturas Escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos. São Paulo: Cortez. 2007, p. 79-99.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artmed. Edição comemorativa dos 20 anos de publicação. 1999.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

GÓMEZ, Antonio Castillo. Educação e cultura escrita: a propósito dos cadernos e escritos escolares. Educação, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 66-72, jan./abr. 2012

PERES, Eliane. A alfabetização vista através de cadernos escolares (1958-2009). (Painel: História da alfabetização e da cultura escrita: perspectivas conceituais e discussão das fontes). In: Anais do XV ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Belo Horizonte: UFMG, 2010. v. 1. p. 1-12.

PORTO, Gilceane Caetano; PERES Eliane. Concepções e práticas de alfabetização: o que revelam cadernos escolares de crianças?. In: 32ª Reunião da ANPED – Sociedade cultura e educação: novas regulações?. Caxambu: ANPED, 2009, V.1 p.1-15.

Pró-Letramento: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental : alfabetização e linguagem . – ed. rev. e ampl. incluindo SAEB/Prova Brasil matriz de referência/ Secretaria de Educação Básica – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação No. 25. Jan /Fev /Mar /Abr 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em: 30 junho 2012.

VINÃO, Antonio. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos, em MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.